

FUTSAL FEMININO E O GERENCIAMENTO DA (IN)VISIBILIDADE DA HOMOSSEXUALIDADE: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO

Raquel da Silveira¹
Marco Paulo Stigger²

Palavras-chave: homossexualidade, futsal, etnografia

Eixo temático: Gênero e sexualidade nas práticas corporais e esportivas

Introdução

O tema sexualidade está presente em diversos estudos que abordam os esportes socialmente considerados masculinos praticados por mulheres (MENNESSON 2004, 2005; MENNESSON E CLÉMENT 2003; DORNELLES 2004), talvez devido à pluralidade de maneiras de viver a sexualidade de suas praticantes. É um assunto que chama a atenção pela heterogeneidade e pela quantidade de mulheres homossexuais presentes nas equipes. No grupo em que se realizaram as observações desta investigação, não foi diferente, há mulheres heterossexuais, bissexuais e homossexuais. Aliás, grande parte das jogadoras investigadas são homossexuais o que nos fez considerar que o universo do futsal investigado possui algumas relações com questões da homossexualidade feminina. Assim, dedicamos este artigo para apresentar de que maneira as questões da homossexualidade perpassaram o universo do futsal feminino investigado. E para isso a metodologia utilizada foi a etnografia.

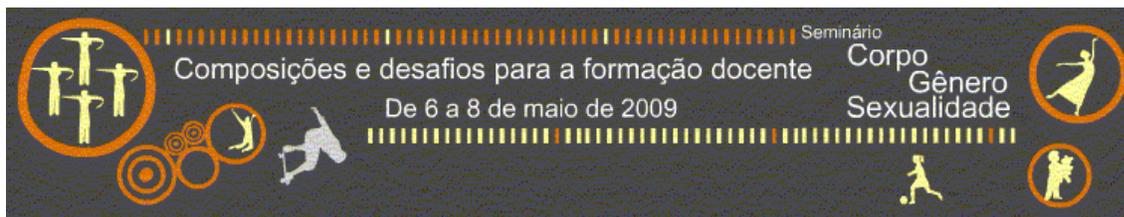
ETNOGRAFIA: A OPÇÃO METODOLÓGICA

A perspectiva de centrar a atenção numa expressão particular do esporte, qual seja, a de um time de futsal feminino da cidade de Porto Alegre, nos conduziu a desenvolver o estudo na perspectiva da investigação etnográfica, uma forma de olhar para os fenômenos culturais que ancora-se na tradição antropológica de investigação.

A intenção foi compreender as peculiaridades de um esporte (dito) *masculino*, quando praticado por mulheres. A análise foi realizada *por dentro* priorizando a

¹ Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.



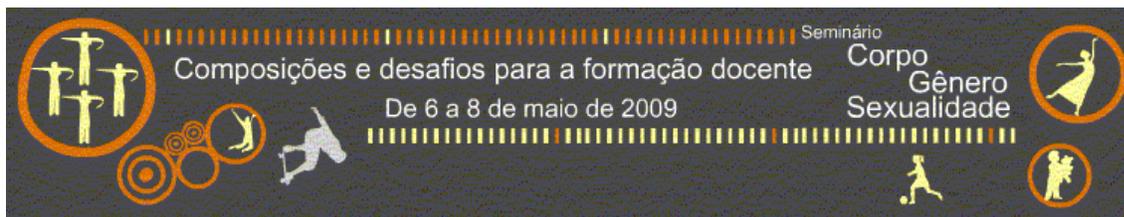
experiência pessoal no campo, esta que é uma característica fundamental dos estudos etnográficos, vistos como empreendimentos intelectuais que visam desenvolver *descrições densas* (Geertz, 1989) dos contextos culturais investigados.

A compreensão da maneira com que as questões da homossexualidade perpassaram o universo do futsal feminino investigado foi buscada a partir da observação participante, a qual consiste – em linhas gerais - na vivência do investigador(a), por um longo período, no contexto que pretende investigar. Nesta experiência o pesquisador(a) – um *estrangeiro* no universo cultural em que está agora envolvido – estará em contato com modos de vida onde estão presentes diferentes sistemas de significação, valores e comportamentos sociais que pretende desvelar. Assim, o pesquisador(a) desenvolverá a sua investigação através da *participação* contínua na vida destes sistemas culturais particulares, e, com base nos dados obtidos pela *observação* direta e sistemática, procurará interpretá-los na sua globalidade (Becker 1997). Oliveira (1998) elenca três aspectos fundamentais do estudo etnográfico: o olhar, o ouvir e o escrever, enquanto que Winkin (1998) considera essenciais para um fazer etnográfico: “arte de ver, arte de ser, arte de escrever” (p. 132). Relacionando as propostas destes autores e especificando para trabalhos etnográficos relacionados aos esportes, Stigger (2007) considera necessário aprender a conviver *esportivamente* com o grupo investigado.

Este trabalho, em particular, se desenvolveu por um período de 1 ano: agosto de 2006 a agosto de 2007. Neste íterim, realizou-se 51 idas a campo³, principalmente aos sábados à tarde, que era o dia do encontro semanal do grupo investigado: foram 29 encontros aos sábados, dez aos domingos, oito às sextas-feiras, três às quintas-feiras e um dia na terça-feira, todos com duração de três horas aproximadamente. Além destes encontros que eram coletivos, vivenciou-se outros momentos do cotidiano das integrantes do grupo, alguns individuais e outros com parte do grande grupo; isto ocorreu na realização das entrevistas, em festas de aniversário, em almoços e jantares e em outros momentos esporádicos.

A opção por trabalhar com esse grupo foi intencional e se vincula a algumas razões. A primeira é o fato dele se constituir em um time que realizava treinos sistemáticos, o que era relevante para a observação que desejávamos realizar: aquela

³ O trabalho de campo foi feita pela primeira autora deste artigo.

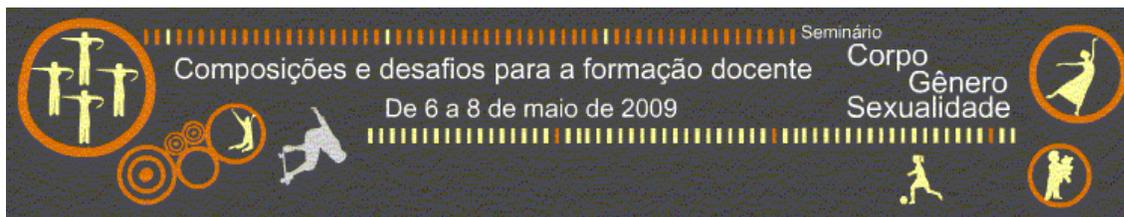


que permitisse ir além dos limites de uma familiaridade superficial com o contexto, avançando na compreensão da lógica daquele universo, a partir do ponto de vista de quem o constituía (WINKIN, 1998). A segunda razão se deve à facilidade de como ocorreu a aproximação ao grupo e ao bom nível de confiança que logo se estabeleceu entre informantes e a pesquisadora.

Durante as idas a campo, participou-se de diferentes atividades do time em diferentes lugares. Aquilo que as informantes denominavam de “treinos” aconteceram sempre num mesmo ginásio de esportes, em que o time alugava uma quadra por duas horas semanais, nos sábados à tarde. Os jogos oficiais foram realizados em diversos ginásios da cidade e nos seus arredores, em dias diferentes, principalmente domingos e feriados; os momentos festivos e outros encontros esporádicos aconteceram nas residências das integrantes do time e/ou em bares e restaurantes. Estes encontros foram todos registrados em diários de campo.

Também foram realizadas dezessete entrevistas com participantes da equipe. Entendendo que as entrevistas são momentos de “um ouvir todo especial” (Oliveira, 1998, p. 22) entre o investigador(a) e os investigados; essas entrevistas se realizaram dois meses após o término da observação participante. Relacionada ao “princípio de diversificação das pessoas” (Ruquoy, 1997: 103), foi essa estratégia que possibilitou escolher os informantes que consideramos mais adequados ao interesse do estudo, já que permitiu abranger os diferentes aspectos da realidade observada. Após realização das entrevistas, estas foram transcritas e devolvidas às pessoas entrevistadas; após este processo de “validação” (MOLINA NETO, 2004, p. 129), cada informante autorizou o uso do material obtido, através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Uma outra forma de busca de informações foi a utilização da internet. Autorizados por elas, tivemos acesso a cerca de 150 mensagens que circulavam entre as jogadoras. Além dessa comunicação via mensagens, também obtivemos informações através de uma comunidade criada pelo grupo, no programa de relacionamento ORKUT.



Visibilidades e invisibilidades da homossexualidade no futsal

O Time⁴ investigado é composto por 17 praticantes amadoras, que têm entre 16 a 41 anos de idade. Algumas moram em Porto Alegre, outras em cidades próximas. A maioria delas trabalha e as profissões são bastante diversificadas; há, ainda, aquelas que estudam. Em relação ao nível sócio-econômico há heterogeneidade entre as integrantes da equipe: fazem parte do grupo, desde pessoas com formação e atuação profissional de nível universitário (administradoras de empresas; fisioterapeuta; química) até estudantes de ensino fundamental e pessoas que atuam em profissões não especializadas (faxineira; *office girl*).

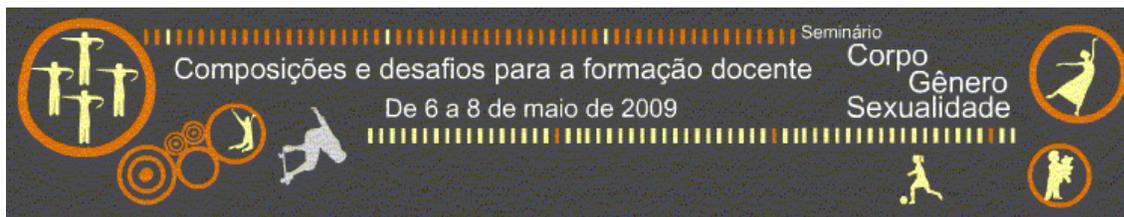
A equipe foi inicialmente organizada por duas jogadoras e se insere no universo das atividades *de lazer* (Dumazedier 1973; Elias & Dunning, 1992), na medida em que – apesar dos compromissos que necessitam assumir (treinos e jogos sistemáticos) – as participantes estão lá voluntariamente e em momentos de *não trabalho*. Foi com a ajuda de Pedro (professor de educação física e técnico voluntário do time) que Julia e Laura iniciaram as atividades do Time. Além destes e das demais jogadoras, também são considerados pertencentes ao grupo, os parceiros, as parceiras e outros familiares das jogadoras. Isto porque estas pessoas estão freqüentemente presentes nos encontros do grupo: são amigos, amigas, namorados, namoradas, maridos, companheiras, filhos e sobrinhos.

Quanto às características do time destacamos 3 pontos que nos chamaram a atenção na convivência com a equipe: (1) o gostar de jogar futsal, pois, mesmo parecendo óbvio é um dos elementos que faz as jogadoras e as pessoas que acompanham a equipe se encontrarem todos os finais de semana; (2) a quantidade de mulheres homossexuais que, inclusive com suas parceiras, fazem parte do grupo; e (3) as relações de amizade que extrapolam o universo do futsal. Contudo, será tratado neste artigo apenas parte do segundo ponto⁵.

Conforme Bozon (2004), “a construção social tem um papel central na elaboração da sexualidade humana” (p. 13). Essa afirmação, apesar de ser consenso

⁴ Por questões éticas, para não expor o nome da equipe investigada, denominamo-a de “Time”, com a primeira letra em maiúscula.

⁵ Para ver os demais pontos ver a dissertação: “Esporte, homossexualidade e amizade: estudo etnográfico sobre o associativismo no futsal feminino” de Raquel da Silveira.



entre estudiosos da área social, não é o discurso que sobressai entre os estudos da sexualidade. Bozon chega a considerar que “a sociologia da sexualidade não existe” (2004, p. 13), pois, para essa temática, são os estudos com argumentos voltados para o campo biológico que estão em destaque. Contudo, nossa análise centra-se especificamente nos aspectos sociais presentes na construção da sexualidade, pois acreditamos que a prática do futsal e a presença de praticantes homossexuais não se constituem em relações do tipo “causa e efeito”, mas, sim, em relações socialmente estabelecidas, com complexidades inerentes aos fatos sociais.

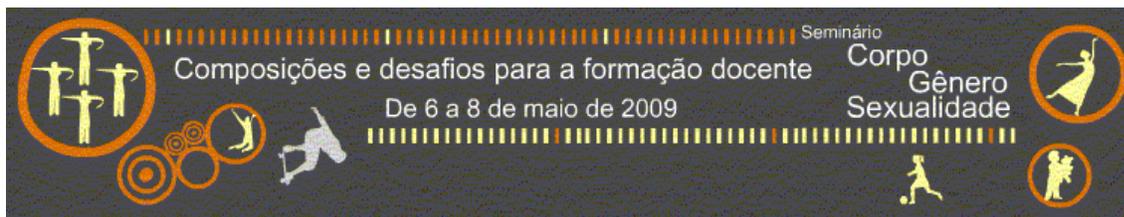
Para iniciar, transcrevemos trecho do diário de campo do dia 02 de novembro de 2006:

Hoje foi o primeiro Torneio que participei junto ao Time no ginásio do Astti. Lá estavam mais de 20 times de futsal feminino competindo. ... Denise, num determinado momento, questiona-me: “Raquel como você se sente no meio de tantas sapas?” Quando ouvi essa pergunta, a primeira coisa que me passou na cabeça foi que ela estava exagerando, pois, se no ginásio havia mais de 200 mulheres, eu imaginava que no máximo 50 delas eram homossexuais. No entanto, quando respondi isso, Denise começou a me mostrar que as jogadoras participantes do Torneio eram suas conhecidas e ela sabia que a maioria eram “sapas”, conforme a expressão utilizada pela Denise (Diário de campo, nº 14, 02/11/2006).

No trecho acima, é pertinente observar dois aspectos: a presença significativa de mulheres homossexuais no universo do futsal e o suposto conhecimento prévio de Denise sobre a maioria das praticantes e de suas respectivas opções sexuais.

Consideramos importantes esses dois aspectos. Identificamos o primeiro de modo lento, no decorrer da pesquisa, pois, ao se aproximar das integrantes da equipe investigada, passou-se a participar, também, das conversas em que o tema da homossexualidade era central. Nessas conversas, elas discorriam sobre o expressivo número de praticantes de futsal que tinham como opção a homossexualidade. Já, em relação ao segundo aspecto, não foi diferente. Ao participar dos torneios e campeonatos, percebeu-se que algumas jogadoras do Time conheciam, ou já haviam tido algum tipo de relacionamento com jogadoras de outras equipes. Logo, o tema da homossexualidade feminina fazia parte do universo esportivo investigado.

Segundo os ensinamentos de Touraine, em seus estudos sobre mulheres, “é necessário visitar o campo e, sobretudo, ao invés de falar em nome delas, escutá-las” (2007, p. 9). Nossa proposta, portanto, é compreender os entrelaçamentos da



sexualidade no futsal a partir do que vivenciou-se durante a pesquisa. Com essa perspectiva não pretendemos generalizar os achados do trabalho, apenas identificar as variadas formas de viver a homossexualidade feminina. A preocupação em não fazer generalizações esta relacionada à afirmação de Touraine:

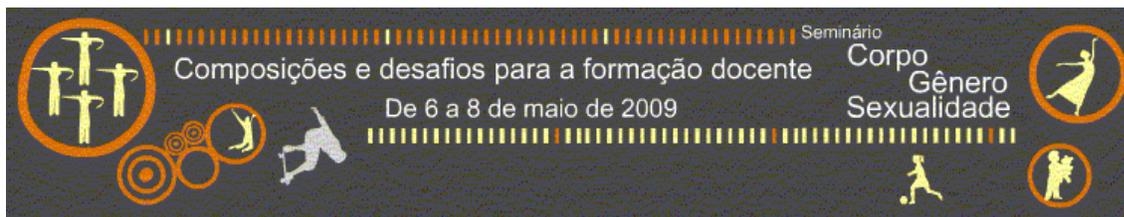
Não existe nenhuma razão para pensar que os *gays* ou as *lésbicas* têm condutas específicas. A forma dos preconceitos contra os ou as homossexuais, *gays* e *lésbicas*, mais difícil de destruir é a criação de imagens globais, como se a homossexualidade definisse um modelo absoluto de personalidade e de ação, idéia que ninguém ousa aplicar aos heterossexuais (2007, p. 68).

Dessa forma, a nossa intenção nesse artigo é falar de visibilidade e invisibilidade da homossexualidade no universo que foi investigado para ampliar o entendimento que se tem dessas questões. Além disso, faz sentido abordar essa temática do gerenciamento da (in)visibilidade da homossexualidade feminina devido à sexualidade nos dias atuais, como expressou Foucault, estar fadada a uma norma: do “casal [heterossexual], legítimo e procriador”:

a sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo (FOUCAULT, 2006, p. 9).

Partindo desse ponto, é possível concordar com Meinerz (2005) quando afirma que “as mulheres gerenciam a visibilidade das suas relações homoeróticas” (p. 122). No grupo que investigamos isso não é diferente. Desde que iniciou-se a pesquisa com as praticantes de futsal, presenciou-se, e também vivenciou-se, algumas táticas de gerenciamento que elas faziam da visibilidade da homossexualidade no grupo.

Segundo a informante Denise, houve uma preocupação do Time quanto a presença da pesquisadora no cotidiano do grupo e a realização da pesquisa devido à questão da homossexualidade: “até quando tu chegou no grupo, né... as gurias ‘ai...a Raquel não sabe... imagina o que ela vai pensar... vai pensar que somos um bando de machorra’ e eu cheguei e disse: ‘mas quem é ela’, né?” (DENISE, 21/10/2007). Se a maioria das jogadoras estava preocupada com o fato da pesquisadora saber sobre a presença de mulheres homossexuais na equipe, Denise e sua companheira Valéria



optaram por não esconder suas opções sexuais. Essa situação demonstra que nem todas as praticantes homossexuais investigadas gerenciam a visibilidade de sua opção sexual da mesma forma.

Laura, por exemplo, deixa claro na entrevista que saber gerenciar a visibilidade da sua opção sexual é algo que aprendeu “na vivência, eu aprendi com o tempo” (LAURA, 30/10/2007). Essa informante, uma das organizadoras da equipe, demonstrou muita preocupação na maneira com que abordaríamos a questão da homossexualidade no estudo. Laura enfatizou, no decorrer desse ano de convivência, que:

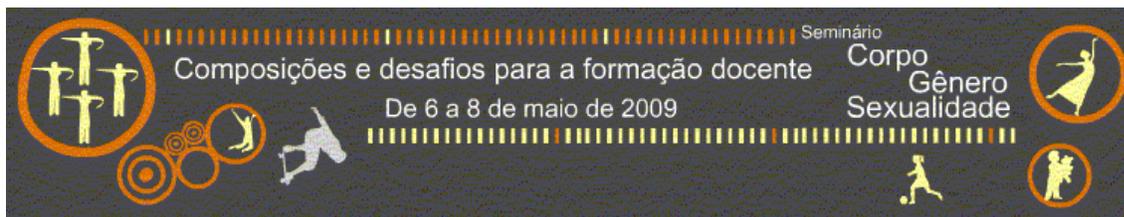
eu não sou “homossexual Laura”, eu sou “Laura, tam, tam, tam, tam, homossexual”, entende, então isso não é o meu principal. Isso faz parte da minha vida, mas não é o meu todo. E eu acho que quando tu coloca isso, parece que já cria uma barreira (LAURA, 30/10/2007).

Interpretamos essa preocupação de Laura sob dois aspectos. Inicialmente ela está dizendo que a sua vida não se centra na sua orientação sexual, pois ao mesmo tempo em que ela é homossexual, ela trabalha, ela joga futsal, ela gosta de muitas outras atividades. Definir Laura a partir da homossexualidade seria, portanto, reduzir sua vida a uma esfera que, segundo ela, “não é o meu todo”.

A segunda forma de interpretar a fala de Laura se aproxima dos achados de Meinerz (2005) quando interpretou a preocupação “em não dar bandeira” das informantes homossexuais que investigou. Para essa autora, o gerenciamento da visibilidade homossexual acontece nas práticas cotidianas em que as mulheres “se relacionam com estruturas de poder” (p. 128). Por estrutura de poder Meinerz se refere tanto “a gerência do estado, através, por exemplo, das políticas de saúde” (p. 128) quanto aos “demais níveis de relação que o indivíduo estabelece ao viver em sociedade” (p. 128). Logo, dar visibilidade ou não à orientação homossexual faz com que essas mulheres sejam mais suscetíveis aos preconceitos que estão impregnados em determinados contextos da sociedade.

Touraine (2007), ao interpretar as informações que obteve com mulheres a partir de uma “inversão de perspectiva” (p. 44)⁶, constatou que “ser lésbica (...) é uma

⁶ Touraine considera que seu estudo possui confrontações com aqueles que interpretam as mulheres como vítimas. Para esse autor, trabalhar em uma “inversão de perspectiva” é assumir o que ele denomina de mulher-sujeito: “Não é mais por uma função social ou por modelos culturais que as mulheres se definem, FURG, 06 a 08 de maio de 2009.



experiência pessoal marcada por julgamentos sociais geralmente desfavoráveis, como todas as condutas que separam o prazer sexual da reprodução” (p. 38). Um exemplo pertinente em relação à suscetibilidade a que as informantes estão expostas pode ser visto na situação vivenciada por Rossana:

Rossana: Já aconteceu uma vez de eu ir numa médica, uma ginecologista, e só pelo fato de eu ter comentado que eu era homossexual ela, do nada, quis que eu fizesse um teste de AIDS. Tá, eu não fiz esse teste porque eu tinha certeza que eu não tinha AIDS. Mas eu achei um absurdo que só pelo fato de eu ter comentado que eu era [homossexual], ela fez. Óbvio que ela não concordou com isso, né. Mas ficou muito na cara. E olha, era uma médica assim. Não era qualquer “médicazinha”. Prédiozinho todo chique, bairro nobre.

Raquel: Pô! É complicado isso hein?

Rossana: É, hoje eu digo assim: Eu nunca mais vou num médico assim. Nunca mais falo com ela.

Raquel: Tu nunca mais foi no médico ginecologista?

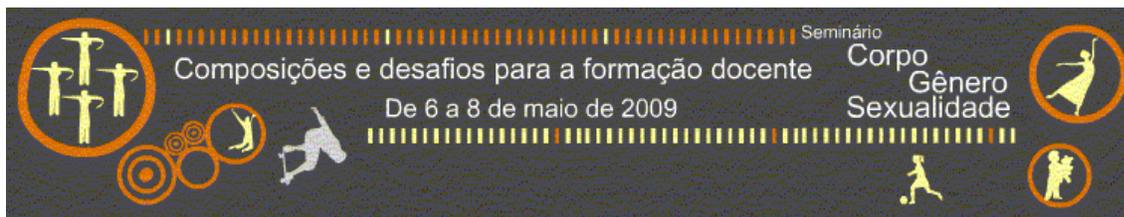
Rossana: Não, eu nunca mais falo na questão. Eu vou, mas não digo nada, assim, nesse particular. Porque é um absurdo (ROSSANA, 30/10/2007).

Contudo, no universo do futsal, esse cuidado com a visibilidade da homossexualidade parece ser menor, pois como considera Laura, “a maioria faz a força, né? A maioria, hoje, que joga futebol é homossexual. Isso eu não tenho dúvidas, eu não preciso ver números. Em função do próprio time a gente vê” (LAURA, 30/10/2007). Denise também concorda que “a homossexualidade no futebol, assim, no futsal, realmente é o que tu mais vê, o que tu mais encontra” (DENISE, 21/10/2007). Isso faz com que no ambiente do futsal não haja tanto preconceito com a questão da homossexualidade. Rossana afirma que no contexto do futsal por ela vivenciado

as pessoas aceitam com naturalidade, se tu contar pras pessoas ‘eu sou [homossexual]’ ou ‘tenho vontade de ser [homossexual]’ ou alguma coisa assim...ninguém vai me julgar por isso! Ninguém vai te olhar assim, com cara feia, é muito difícil (ROSSANA 30/10/2007).

Então, se a presença da pesquisadora no grupo fez a maioria das jogadoras se preocuparem com a visibilidade da homossexualidade, talvez seja porque essa (a pesquisadora) não pertença ao universo do futsal. Quando Ana iniciou no time, houve um

mas por uma inversão de atitudes e de expectativas cuja exigência principal é a criação delas mesmas” (TOURAINÉ, 2007, p. 74).



consenso entre as praticantes sobre o fato de que era necessário informá-la de que havia mulheres homossexuais ali na equipe:

Quando a Ana entrou no time, ela não é [homossexual]. E aí a Helena disse “Laura, o que a gente faz, a gente não fala, fala?” aí eu disse “não tem como não falar, querendo ou não ela vai ver algumas coisas, ela vai presenciar alguns momentos. Ela precisa saber”. Então a gente ficou bastante receosa, como é que... Porque ela não tinha nem noção disso, então foi... a gente teve que... A Helena teve que conversar com ela, ficou um pouco assim... Acho que meio aérea na hora, acho que ela não imaginava que era muita gente, mas foi uma coisa que a gente se preocupou em contar pra que ela não... Entrasse mais “light” na coisa, não fosse aquilo de supetão de repente ver alguma coisa ou ouvir alguma coisa e ficar até... Achando bobagem, assim. Então eu não sei, no nosso time sempre teve essa preocupação de que quem não era a gente preparar de certa forma “olha, é assim, assado as coisas” (LAURA, 30/10/2007).

Assim, o universo do futsal investigado pode ser visto como um espaço em que o gerenciamento da visibilidade da homossexualidade pode ser menos preocupante do que em outros lugares. Importante destacar que elas não são militantes da questão homossexual e que, fora do universo do futsal, procuram não “dar bandeira”. Contudo, isso não significa que se sintam vítimas ou tenham vergonha da opção sexual que possuem, mas, significa que através do gerenciamento da visibilidade da homossexualidade elas estrategicamente escapam de manifestações preconceituosas.

Referências

BECKER, Howard S. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. 3ª edição, São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

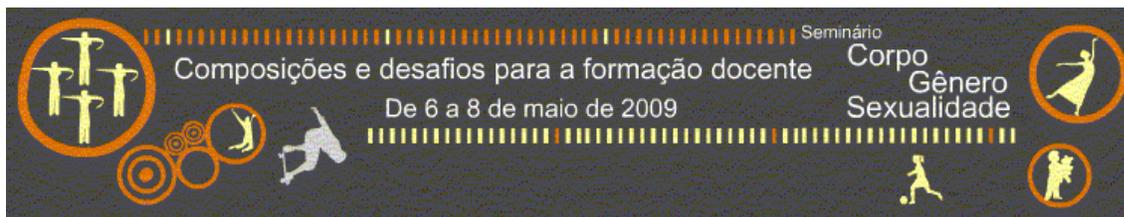
BOZON, Michel. *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

DORNELLES, Priscila Gomes. *O futebol feminino de várzea: uma análise cultural*. Monografia da Especialização Pedagogias do Corpo e da Saúde - Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

DUMAZEDIER, Jofre. *Lazer e cultura popular*. São Paulo, Editora Perspectiva S. A., 1973.

ELIAS, Nobert; DUNNING, Eric. O lazer no espectro do tempo livre. In: ELIAS, Nobert e DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difusão Editorial, Lda, 1992, p. 139 – 184.

FURG, 06 a 08 de maio de 2009.



FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 11ª edição, 2006.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, Koogan, 1989.

MEINERZ, Nádia Elisa. *Entre mulheres: estudo etnográfico sobre a constituição da parceria homoerótica feminina em segmentos médios na cidade de Porto Alegre – RS*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia social, Porto Alegre, 2005.

MENNESSON, Christine. *Être une femme dans le monde des hommes: socialisation sportive et construction du genre*. France : L'Harmattan, 2005.

MENNESSON, Christine. Les processus de construction et de modification des dispositions sexuées des femmes investies dans um sport dit « masculin ». In : Societe de Sociologie du Sport de Langue Française. *Dispositions et pratiques sportives : débats actuels en sociologie du sport*. France: L'Hamattan, 2004, p. 37 – 53.

MENNESSON, Christine and CLÉMENT, Jean-Paul. Homosociability and homosexuality: the case of soccer played by women. In: *International Review for the Sociology of Sport* 38/3(2003), p. 311–330.

MOLINA NETO, Vicente. Etnografia: uma opção metodológica para alguns problemas de investigação no âmbito da Educação Física. In: MOLINA NETO, Vicente; TRIVIÑOS, Augusto N. S. *A pesquisa qualitativa na Educação Física*. 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Sulina, 2004, p. 107-139.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: _____ *O Trabalho do Antropólogo*. Brasília/ São Paulo: Paralelo Quinze/Editora da Unesp, 1998, p. 17 - 35.

RUQUOY, Danielle. Situação de entrevista e estratégia do entrevistador. In: ALBARELLO, Luc; DIGNEFFE, Françoise; HIERNAUX, Christian M. et al. *Práticas e métodos de investigação em ciências sociais*. Lisboa : Gradiva, 1997, p. 84-116.

STIGGER, Marco Paulo. Estudos etnográficos sobre esporte e lazer: pressupostos teórico-metodológicos e pesquisa de campo. In: STIGGER, Marco Paulo; GONZÁLEZ, Fernando; e SILVEIRA, Raquel da. *O esporte na cidade: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p. 31 – 50.

TOURAINÉ, Alain. *O mundo das mulheres*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007.

WINKIN, Yves. Descer ao campo. In: WINKIN, Yves *A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo*. Campinas: Papius Editora, 1998, p. 129 – 145.

FURG, 06 a 08 de maio de 2009.